

Comentários sobre As nuances *na* e *da* formação do analista: uma reflexão com base na perlaboração da resistência do supereu, de Thiago da Silva Abrantes

Durval Mazzei,¹ São Paulo

O autor abre diante de seu escrito um trabalho árduo. Ora, debruça-se sobre o tema que mais afligiu Freud a partir do escrito “Recordar, repetir, elaborar” (1914/1973e): o que acontece quando a verdade revelada, a suspensão de um recalque, o reconhecimento do analisante não resulta em alguma novidade no caminho psicopatológico desse ser. A repetição e a resistência parecem mais poderosas que o instante de ver. Este não basta para que o falante galgue um degrau no sofrimento. A cena parece como dantes no quartel de Abrantes.

Diante desse ponto foca o valor do processo de elaboração, ou, melhor, perlaboração, para a direção da cura.

Laplanche e Pontalis (1970) discutem a diferença entre elaborar (*Verarbeitung*) e perlaborar (*Durcharbeitung*), guardando o primeiro termo para designar o trabalho geral do aparelho psíquico freudiano em dominar as excitações (afetos) e ligá-las a conexões associativas (representações). O segundo termo, mesmo que mantenha proximidade com o primeiro, assume um papel clínico. A perlaboração, sucedânea da interpretação, incide sobre a resistência e visa promover a passagem da recusa ou da aceitação intelectual para uma vivência potencialmente transformadora. Corresponde ao tempo para compreender que deságua no momento de concluir, corresponde a um dos três momentos lógicos que Lacan (1945/1998c) propôs.

Estamos, portanto, no caminho que parecia fácil aos analistas centrados no princípio do prazer como o mote fundamental da ação do ser.

1 Psicanalista, aderente à Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise, membro do Departamento Formação em Psicanálise e do Espaço Lacaniano, ambos no Instituto Sedes Sapientiae. Mestre em Psiquiatria.

No entanto, a marcha das análises práticas a cada vez aponta a Freud e companheiros de percurso que o princípio do prazer não é assim tão poderoso. Além do princípio do prazer, algo silencioso se movimenta apostando na compulsão à repetição ou na repetição do gozo que torna o sintoma companheiro de toda hora. Sintoma, a formação do inconsciente que não tem o tempo meteórico do sonho, do chiste, do ato falho, que, aliás, ao lado da angústia, apontam onde está o osso duro de roer.

Em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud define e aponta as fontes da resistência: “essa ação para proteger o recalçamento é o que percebemos no esforço terapêutico como resistência. A resistência pressupõe o que chamei de contrainvestimento” (1926/2019, p. 160). E aponta o fato de que “a resistência que temos de superar na análise é produzida pelo eu, que se aferra a seus contrainvestimentos” (p. 162). Identifica a resistência do eu em três pontos: a resistência do recalçado, a resistência transferencial e o ganho da doença, seja este primário, que não é estranho ao termo “gozo”, como introduzido por Lacan (1954/1979) desde o esquema L, ou secundário, que pode ser reconhecido na vantagem que a doença traz no campo interpessoal e social. Freud admite, entretanto, que “depois da suspensão da resistência do eu ainda cabe superar o poder da compulsão à repetição, a atração dos modelos inconscientes sobre o processo pulsional recalçado (p. 163)”, que é denominada resistência do inconsciente e à qual vem somar-se a resistência do supereu, “a última reconhecida, a mais obscura, mas nem sempre a mais fraca, parece provir da consciência de culpa ou da necessidade de punição; ela se opõe a qualquer sucesso” (p. 165), isto é, compõe perfeitamente a reação terapêutica negativa. E é exatamente nessa derradeira que o autor sustenta o trabalho teórico e anuncia uma afirmação valiosa: a razão desse interesse é o nexo da resistência do supereu com a formação do analista, pois supõe que “ideais não analisados embaralhem a escuta”. Muito interessante, dado que, se atribuímos ao supereu uma coalizão com o Ideal do eu, conferimos a esta construção freudiana o aspecto de exigência a realizar a repetição, isto é, a exigência a gozar ao lado das exigências proibitivas. Mal do qual o analista não está isento, preocupação notável do autor, que não cede à saúde mental do analista sem alguns senões.

Antes de voltarmos a esse ponto, o autor faz respeitável revisão nessa questão que está presente em qualquer direção de análise. O que acontece com o analisante que não leva adiante o passo? Satisfação no sofrimento?

Necessidade de punição? Poder absoluto dos “primeiros investimentos objetivos do sujeito”?

Assim, lembra que a referência à reação terapêutica negativa já está em “Rememoração, repetição e perlaboração”, como Laplanche e Pontalis denominam o artigo de 1914, passa pelas reflexões freudianas sobre a dificuldade com Sergei Pankejeff e vai a “O eu e o isso” (1923/1973f), “O problema econômico do masoquismo” (1924/1973c), “Análise terminável e interminável” (1937/1973a) para teorizar sobre essa questão delicada, dado que a eficiência da psicanálise, a consistência do resultado, a presença dessa psicoterapia que não é igual às outras entre as estratégias terapêuticas na contemporaneidade depende de como tal fenômeno é trabalhado pelos psicanalistas.

Seguindo o sentido investigativo e terapêutico que caracteriza a ciência psicanalítica, a reação terapêutica negativa é a ocorrência clínica, índice do “agravamento dos sintomas durante uma análise pela aproximação do... recalcado”, de onde parte a teorização freudiana. A própria construção do supereu é tributária desse fenômeno que surge no tratamento e requer investigação teórica, pois, segundo o autor, Freud em “O eu e o isso” atribuiria ao supereu a qualidade de ser a instância da personalidade responsável pela expressão do sentimento inconsciente de culpa, expressão mais retórica do que tópica, fundamento da reação terapêutica negativa. Salienta a posição na subjetividade do supereu como herdeiro do declínio do complexo de Édipo, nuclear nas amarrações necessárias a um mínimo de estabilidade no falasser. E não deixa de encarar a ambiguidade e mesmo o paradoxo dessa instância que diz ao mesmo tempo “assim (como o pai) você deve ser” e “assim (como o pai) você não pode ser”. É claro que esta referência ao pai indica a coalizão do supereu com o Ideal do eu e revela o jogo duplo que esta instância faz com o eu. Isto é, há injunções proibitivas – nem tudo que é do papai é seu – reunidas a injunções gozosamente obrigatórias, como: alcance o Ideal! Nas palavras do autor, este paradoxo está expresso na frase “ao herdar os conflitos do eu advindos dos investimentos libidinais do Isso, o supereu passa a ser o lugar de expressão das pulsões e dos alvos libidinais do Isso”. É, portanto, a tensão emergente desse jogo entre as três instâncias que torna o supereu um exigente construto a apontar a claudicação cotidiana do eu e o nexa com o sentimento de culpa. Outro ponto ao qual o autor recorre para cingir essa questão é a disjunção pulsional entre os componentes destrutivos e eróticos, considerando que no supereu residiria o fator destrutivo e o eu procuraria assumir a condição de bela alma amorosa, a sofrer as dores

da existência e as dores do mundo, às quais se aferra repetidamente sem se dar conta de que tal posição representa o retorno sobre o eu das pulsões destrutivas características do supereu. Configura o que Freud descreve como recusa a elogio e reconhecimento, ao lado da exacerbação do sofrimento e o retorno do incômodo do sintoma durante a análise, o que Freud identifica desde “Estudos sobre a histeria” (1895/1973b). Segundo o autor, a culpa não reconhecida explicitamente pelo analisante permanece em cena como a manutenção do adoecimento.

Desse modo, o autor qualifica o primeiro ponto que torna a perla-boração do supereu, isto é, o trabalho sobre a resistência oriunda dessa instância, fundamental para debelar a reação terapêutica negativa que mantém “a inconsciência do sentimento de culpa”, fator relacionado à conservação do sofrimento.

Esse primeiro ponto leva à pergunta: como explicar a satisfação no sofrimento? Indica que a resposta não está no escrito “O eu e o isso”, mas em “O problema econômico do masoquismo”, publicado um ano após.

O que é central nesse escrito freudiano é mais um debacle ao princípio do prazer. Desde o “Projeto” (1895/1973d) que Freud conceitua a satisfação, o prazer, como a redução da carga que atravessa o aparelho psíquico. Avisa, desde 1895, que tal descarga no animal que fala nunca vai ser reduzida a zero, dadas tanto, de um lado, as exigências da vida, quanto a noção de que haveria um regulador ao desenrolar das cargas no aparelho psíquico. Essa formação constituída por neurônios impermeáveis, para manter a linguagem freudiana, que não descarregam e regulam a passagem de cargas que produziriam prazer ou desprazer. Esta formação catexizada Freud denomina “eu”. Nas palavras de Freud,

referimos de fato a um estado de j não considerado ainda, pois esses dois processos indicam que em j estabeleceu-se uma organização cuja presença dificulta passagens [de quantidade] que, ao ocorrer pela primeira vez, realizaram-se de uma maneira determinada [quer dizer, foram acompanhadas de satisfação ou dor]. Esta organização se denomina *eu*. ... [O resultado disto é a existência] de um grupo de neurônios que retém catexia constante. (Freud, 1895/1973d, p. 233)

Reconhecer a presença, no aparelho psíquico, do eu, assim conceituado, não demoveu Freud de sustentar o princípio do prazer como o regulador

da função do aparelho psíquico, mesmo que o vienense não caísse na esparrela de uma satisfação total, um orgasmo perfeito, nesse ser acossado pelas regras do mundo que o recebeu, regras orientadas pela estrutura de parentesco, pela estrutura da linguagem do grupo social. Como é possível formular, desde o Édipo, nem todos os objetos pelos quais a pulsão alcançaria satisfação estão à disposição. Há lei, há permissões e proibições. Há interdição e liberação.

Esse pequeno desvio é para notar que muito antes de Freud reescrever a tópica, construindo instâncias que desempenhariam certos papéis, algo se interpunha à satisfação total. Basta imaginar que esse setor j, completado pelo d (polo perceptivo) e w (consciência), é a morada da memória. Memória significa permanência que, na lógica freudiana, significa carga, catexia. Para que um ser, hoje, lembre-se do que lhe ocorreu ontem, é necessário que cargas sejam mantidas em representações, pois, caso essas cargas fossem retiradas por inteiro, essa qualidade fundamental para a manutenção da presença social, sexual, moral do ser simplesmente não existiria.

Não obstante, a questão clínica é a permanência, durante o correr das análises, da reação terapêutica negativa e da insistência de um impedimento adicional à realização do princípio do prazer. No texto “O eu e o isso” o jogo entre supereu, eu e isso colabora para sustentar a dor, o sofrimento. É nesse contexto que o problema econômico vem colaborar, pois o que esse estado de coisas na subjetividade indica é que há prazer na tensão, isto é, um desafio à descarga que caracteriza o princípio do prazer e mais um índice de que tal princípio não organiza solitária e poderosamente o caminhar da existência. Prazer na tensão, na dor, expressão que não esconde o paradoxo, chama-se masoquismo. E Freud completa, citado apropriadamente pelo autor, “se a dor e o desprazer podem já não ser advertências, mas objetivos em si mesmos, o princípio do prazer é paralisado, o guardião de nossa vida psíquica é como que narcotizado”, e assim está feito “o pareamento entre a reação terapêutica negativa e o masoquismo moral” a serviço da “característica hipermoral do supereu”. Resulta disso que a necessidade de punição vem colocar mais uns trinta ladrilhos na configuração da reação terapêutica negativa, e a perlaboração de mais essa faceta da resistência do supereu constitui-se em labor delicado e imprescindível.

O terceiro texto que o autor refere é “Análise terminável e interminável”, talvez o texto mais pessimista que Freud nos legou. Neste escrito, Freud faz o alerta de que a própria tarefa à qual o analisante se entrega,

a cura psicanalítica, pode ser tratada como um risco à estabilidade do eu, pois os mecanismos de defesa que desempenharam sua função na infância estão de volta advertindo que o perigo retorna, pois aquele sentado por detrás do divã profere pontuações e interpretações que revelam a repetição. Seja o perigo vivido na transferência imaginária no interior do processo terapêutico, seja vivido nas relações que o ser construiu na vida ordinária. Assim, as intervenções correm o risco de se tornar inoperantes, e o eu do sujeito ficaria fragilizado, exibindo uma resistência contrária ao desvelar das resistências que sustentam a viscosidade da libido e a maneira fixa e imutável de satisfação pulsional. O que poderia vir como substituto, como nova metáfora, carrega o perigo que Freud aponta. Por favor, nada de novo no *front*. Não quero saber nada disso, como Lacan diz no Seminário 20 (1973/1985). Como essa repetição desfaz a suposição, por parte do dispositivo de cura, de que há viabilidade na substituição do sintoma por outra metáfora, “a necessidade de o sujeito estar em sofrimento” permanece, e o circuito envolvendo o rol de resistências, notadamente, o aproveitamento do sadismo super-euico sobre esse estado masoquista do ser, faz repor o valor da perlaboração reconhecida por Freud como o detalhe do ato analítico que transporta maior efeito transformador e deixa a cura psicanalítica fora da influência sugestiva.

Enfim, o autor inicia a última parte do escrito perguntando-se “qual seria a técnica correlata à reação terapêutica negativa”, salientando que Freud não deixou recomendações a esse respeito. Talvez Freud pense que psicanálise exerce-se de um modo que não permite muita variação, como Lacan se referiu em “Variantes do tratamento-padrão” (1955/1998d). Neste escrito lacaniano, o francês lança mão do bom humor para dizer que a psicanálise, e o psicanalista, não pode ser como o morcego da fábula de Esopo, que cai no ninho de uma doninha que gosta de alimentar-se de ratos e a convence de que é um pássaro. Ao cair em um segundo ninho de doninha, que gosta de pássaros, a convence de que é um pássaro. Uma posição desse escopo põe em questão a ética do psicanalista. O que não deve impedir que o ato analítico em desenvolvimento reconheça que há situações clínicas mais e menos resistentes. O próprio Freud, numa nota em “O eu e o isso”, apropriadamente citada pelo autor, escreve:

a luta contra ... o sentimento inconsciente de culpa é espinhosa ... diretamente, nada se faz contra ela, e, indiretamente, tão somente descobrir ... seus

fundamentos recalçados inconscientes, com os quais vai se transformando, aos poucos, em sentimento consciente de culpa. O trabalho do analista fica facilitado quando o sentimento inconsciente de culpa é resultado de uma identificação do sujeito com outra pessoa, que foi, um dia, objeto de uma carga erótica ... se conseguirmos revelar essa prévia carga do objeto detrás do sentimento de culpa, conseguiremos muitas vezes um completo êxito terapêutico. (1923/1973f, p. 2722)

Como se nota, Freud não faz nenhuma referência a atitudes notadamente distintas do psicanalista diante de uma circunstância delicada que pode pôr fim ao trabalho psicanalítico. A leitura dessa citação freudiana parece, na verdade, indicar “tenha paciência. Nada de *furor curandi*”. Isto é, assumo a posição do psicanalista, e nada mais. Ao frisar este ponto, que o autor dá a entender que é a posição assumida por ele, dado o valor que confere à formação do analista, não impede este comentador de fazer a observação de que o autor mais citado no artigo, depois de Freud, René Roussillon, segundo Lopes e Klautau (2018), propõe “uma ampliação dos modos de escuta analítica, sugerindo a apreensão de elementos não verbais, indo além da prevalência do discurso verbal no ambiente analítico” (p. 313). Difícil entender essa proposição como novidade, pois Freud, desde o fracasso com Dora, observava “elementos não verbais” na presentificação do inconsciente da jovem durante a análise.

É preferível, como o autor sublinha intensamente no escrito, direcionar a questão para a formação do analista. O que entra em jogo é a reação do analista diante de uma situação clínica delicada. Não é nada difícil que a estrutura pessoal do analista comece a jogar cartas. Ora, um analista, feito do mesmo barro que seus analisantes, filho também de papai e mamãe, isto é, definido como um ser com inconsciente, pré-consciente e consciência ou eu, isso e supereu, pode afetar-se pelo horizonte de um fracasso. Se a análise pessoal desse que se senta na poltrona não transcorreu muito bem e os aspectos narcísicos, destrutivos, super-euóicos não foram perlaborados de acordo, acontece, como nos indica Freud na mesma citação, de a

personalidade do analista permitir que o enfermo faça dele seu Ideal do eu, circunstância que traz para o primeiro a tentação de arrogar-se, com respeito ao sujeito, o papel de profeta, salvador ou redentor. Mas, como as regras da análise proíbem tal aproveitamento da personalidade médica,

confessamos ... que tropeçamos aqui com outra limitação dos efeitos da análise. (1923/1973f, p. 2722)

Assim, diante do horizonte de fracasso, eu, analista, faço-me grandioso polo de atração, pois não admito, em mim, que a função que me garante seja conspurcada. Nada menos sadicamente super-euico na estrutura neurótica do analista e nada menos danoso à liberdade do analisante, caso ocupe a cena do ato analítico.

Assim, o autor, afastando-se do pessimismo freudiano, aposta fichas na análise do analista como outra regra fundamental na direção de uma análise. Escreve:

Promover a perlaboração do supereu passa pela ação do analista de interrogar, inquirir e interpelar seu próprio narcisismo, levando a que seu trabalho clínico possibilite ao sujeito uma diferenciação eu e não-eu, assim como uma capacidade de contenção maior diante das influências destrutivas de seu próprio supereu no eu.

Deste modo, segue o autor, “o analista precisa se questionar, questionar suas teorias, sua abordagem, para assim sustentar a liberdade, enquanto condição imprescindível, para o sujeito ter condições de admitir e integrar em si o que é produzido em análise”. Obviamente, isso se faz, ou pode ser feito, na análise do analista. Se, como Lacan sugeriu, análise didática é aquela que produz um analista, e não a que é conduzida por alguém designado para tal, as Suficiências, como um irado e irônico Lacan denominou os analistas-didatas no “Situação da psicanálise” (1956/1998b), uma análise didática, portanto, é aquela que põe em questão os aspectos que o autor apropriadamente levantou em seu escrito.

Como comentário final, é bastante interessante perceber que, a despeito do linguajar muito distinto do que é utilizado no campo lacaniano, as balizas que Lacan definiu para a direção de uma análise, segundo as quais, “não sendo colocado nenhum obstáculo à declaração do desejo, é para lá que o sujeito é dirigido e até canalizado e que a resistência a essa declaração, em última instância, não pode ater-se aqui a nada além da incompatibilidade do desejo com a fala” (1958/1998b, p. 647), que se complementaram com as noções de Sujeito suposto Saber e resistência do analista, estão contempladas nesse trabalho aqui comentado. A citação da “Direção da cura”

lembra a todos nós que a resistência é fato estrutural – a incompatibilidade do desejo com a fala –, e não má vontade ou ataque ao analista perpetrado pelo analisante. Toca diretamente a preocupação do autor com o preparo analítico daquele que demanda a função analítica de forma tal, que a “personalidade” do analista não apronte das suas. Este ponto revela claramente o papel da resistência do analista, na medida em que, como o autor sugere, é ele quem pode antepor obstáculos à declaração do desejo e favorecer o gozo da repetição sustentado pela tendência daquele à repetição, termo que forma a própria conceituação de pulsão desde que Freud escreveu sobre os destinos dessa invenção. A noção de Sujeito suposto Saber vem aqui apontar uma das definições mais distintivas do discurso analítico: o analisante é quem sabe, e não o analista. Por mais que a busca por um analista sustente-se na suposição de saber atribuída a ele, não muito diferente da suposição de saber conferida a um eletricitista ou encanador ou médico ou clérigo, o analista, ao singelamente dizer “fale!”, desloca esse saber para a fala do analisante.

Isso implica narcisismo muito bem analisado e supereu menos intrometido.

Referências

- Freud, S. (1973a). Análisis terminable e interminable. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1973b). Estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1973c). El problema económico del masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1973d). Proyecto de una psicología para neurólogos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1973e). Recuerdo, repetición y elaboración. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1973f). El “yo” y el “ello”. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2019). *Inibição, sintoma e medo*. L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1979). *O seminário*. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário*. Livro 20: Mais, ainda. Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)

Durval Mazzei

- Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998b). Situação da psicanálise e formação do psicanalista. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998c). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Lacan, J. (1998d). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Lopes, G. G. & Klautau, P. (2018). O trabalho de perlaboração e suas implicações para os sofrimentos narcísico-identitários. Uma contribuição de R. Roussillon. *Psicologia Clínica*, 30(2), 309-328.

Durval Mazzei

dr.durval@uol.com.br

Recebido em: 21/8/2022

Aceito em: 24/8/2022